

Pessoal teme perda do emprego



12-9-86

Capuano controla ativos

AGÊNCIA ESTADO

Perplexidade geral e inconformismo. Essas foram as reações mais comuns, ontem, em São Paulo, diante das primeiras notícias sobre a extinção do Banco Nacional da Habitação (BNH) e a transferência de seus ativos e passivos para a Caixa Econômica Federal (CEF). O inconformismo ficava por conta dos aturcidos 550 funcionários da agência regional do BNH, temerosos de perder os empregos e ver perdida a experiência de 22 anos do banco na gerência do processo de produção de habitações no País.

Caçando informações durante toda a tarde, reunidos em assembléia no começo da noite, dominava-os também o sentimento de perplexidade — comum a construtores e corretores de imóveis — com a súbita e até agora inexplicável mudança de rota nos planos do governo. Até ontem, o que se tinha por certo, no curto prazo, era a transformação do BNH em Banco Nacional de Desenvol-

vimento Urbano, jamais sua extinção pura e simples. Muito menos se falara, nesses últimos 12 meses, sobre o novo papel reservado à CEF.

"A CEF é realmente uma surpresa", admitia, à noite, Flávio Scaf, diretor-superintendente da Edel Construtora, um dos poucos a saber, à tarde, dos novos planos do governo. Essa mudança, para ele, é "maravilhosa, pois a Caixa, além de extrema eficiência, tem mais tradição que o BNH e opera de forma mais descentralizada". São características que, na opinião de Scaf, devem assegurar maior agilidade na liberação de recursos para o setor habitacional, e em maior volume. "Mas os financiamentos precisam estar limitados à taxa de juros máxima de 13% ao ano para que não se tornem inviáveis", alerta.

O empresário vê a mudança como consequência da decisão do governo de controlar, via Banco Central, os ativos do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), opinião que é compartilhada por

Roberto Capuano, presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis de São Paulo (Creci).

A absorção, especificamente, do BNH pela CEF traduz, para ele, uma tentativa de "mudar a marca desgastada do BNH para dar mais crédito às iniciativas do governo", iniciativa que considera positiva se não ocorrer a dispersão dos recursos técnicos e humanos do BNH e tiver, por princípio, a orientação majoritária dos investimentos para a construção de casas populares.

MOBILIZAÇÃO

A extinção do BNH causou ontem a mobilização dos 8.300 funcionários do órgão em todo o Brasil. Na sede, no Rio, foi iniciada uma assembléia geral permanente para denunciar o que o presidente da Associação dos Funcionários do BNH, Júlio Marques Neto, considerou "uma arbitrariedade própria de um regime ditatorial". A "medida torna-se ainda mais absurda por não ser levada à apreciação do Congresso Nacional", acrescentou.